

A Influência do Líder de Opinião nas Ressignificações do Grupo Folclórico Parafusos¹

Flávio Menezes SANTANA²

Talita de Azevedo DÉDA³

RESUMO

A existência de diversos grupos da cultura popular se deve aos seus grandes mestres que atuam à frente dos seus brincantes, criando formas de resistir as dificuldades de atuar perante a sociedade. Diante disso, a partir dos estudos de Luiz Beltrão sobre os intercâmbios entre a cultura popular e a cultura de massa, fenômeno denominado de Folkcomunicação, o presente trabalho busca mostrar a presença e a influência desse Líder *folk* nas ressignificações do grupo folclórico Parafusos da cidade de Lagarto, município Sergipano. Para observação dessa pesquisa será realizado um estudo de caso cuja contribuição desta discussão consiste no fortalecimento da ideia de que a Folkcomunicação seguiu a dinamicidade da sociedade e do folclore e ainda pode ser estudada através de inúmeros objetos de estudo da cultura popular, bem como disseminar o histórico do grupo e mostrar suas formas de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Líder de opinião; Parafusos

INTRODUÇÃO

A prática cultural é dependente dos seus integrantes que propagaram o folclore sem deixa-lo morrer, pelo menos na maioria das manifestações que sobreviveram até hoje. Na maioria, essa continuação se deve aos indivíduos que estão durante anos, a frente dessas práticas que são repassadas de geração para geração.

Ao perceber a relação de folclore e comunicação, Luiz Beltrão deixou seu legado com a Folkcomunicação, considerada por muitos teóricos contemporâneos, uma teoria genuinamente brasileira. Como uma das perspectivas desse estudo, é possível perceber através dos “olhos” de Beltrão (2001) a importância dos líderes no intermédio de mensagens entre as classes populares e a cultura de massa, influenciando assim em mudanças nas suas práticas cotidianas.

¹ Trabalho apresentado no GT 3 (Conteúdos da Folkcomunicação) da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Tiradentes (UNIT). E-mail: ms.flaviosantana@hotmail.com.

³ Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho – Portugal, Professora dos Cursos de Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda, UNIT/SE. E-mail: talitadededa@hotmail.com

A partir desse olhar, o grupo folclórico Parafusos da cidade de Lagarto, município sergipano, foi escolhido como objeto de estudo desse artigo devido à presença muito forte de características folkcomunicacionais. Desta forma, a presente pesquisa tem o intuito de mostrar, por meio de um estudo de caso como esse líder influencia nas suas novas práticas e ressignificações na cultura popular.

Vale ressaltar que essa pesquisa é procedente de uma videoreportagem produzida como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo pela Universidade Tiradentes, intitulada: “Direcionando a lente: um olhar da folkcomunicação a partir do grupo folclórico Parafusos”.

Pesquisar sobre a Folkcomunicação no âmbito acadêmico e observar a sua influência nas manifestações folclóricas é de extrema importância, uma vez que, segundo Barreto (2005), há necessidade de pesquisas voltadas à cultura popular e ao folclore, afim de disseminar suas riquezas. Além disso, essa pesquisa contribui diretamente no destaque a importância dos mestres na resistência dessas manifestações até a contemporaneidade.

2 O ESTUDO DA COMUNICAÇÃO DENTRO DAS CLASSES POPULARES

Definida como “o processo de Intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001, p. 79), a Folkcomunicação é uma teoria da comunicação genuinamente brasileira criada pelo jornalista pernambucano Luiz Beltrão de Andrade Lima através das suas pesquisas sobre as comunidades populares.

Sua tese Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressões de ideias, “repercutiu intensamente na comunidade acadêmica nacional e internacional sendo considerada a mais original das contribuições brasileiras à teoria da comunicação” (MELO, 2003, p. 339-340), tornando o assim o primeiro Doutor em Comunicação do Brasil, pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Como salienta Schmidt (apud MELO, 2008, p. 152) por se tratar de uma teoria da comunicação, a Folkcomunicação é uma das principais contribuições de Beltrão dentro do campo que atua a comunicação. A década de 50 foi vista como o período de estudos das temáticas que abordavam as dimensões da comunicação no contexto Latino Americano. Essa época foi marcada pelos primeiros estudos da comunicação no Brasil.

O âmbito dos processos da comunicação do emissor até o receptor foi sempre uma das preocupações dos pesquisadores da área, o que resultou em diversas teorias. O paradigma funcionalista-pragmático da comunicação, compreendido entre 1900 e final da década de 1930, abordava a ideia de que os indivíduos inseridos na sociedade obedeciam aos meios de comunicação.

As imagens sugeridas por ambas as denominações ("Balas Mágicas" ou "Agulha Hipodérmica") pretendem traduzir, metaforicamente, que as pessoas apresentam o mesmo comportamento mecânico (a resposta) ao serem atingidas pelas mensagens mediáticas (o estímulo). Daí as "balas mágicas" (pois só "balas mágicas" atingem todos da mesma maneira) ou a "agulha hipodérmica" (pois os efeitos dos medicamentos injetados tendem a ser os mesmos nas diferentes pessoas) (SOUZA, 2006, p. 493).

Souza (2006) explica que diversos autores que eram influenciados pelo positivismo e pela psicologia behaviorista, acreditavam que os meios de comunicação exerciam poder diante da sociedade, podendo desempenhar seu papel na emissão da mensagem e tornando seu público um agente passivo no processo comunicacional.

Diante deste cenário, Beltrão percebeu que não era exatamente assim que a comunicação se fazia. Os questionamentos de Beltrão (2001) sobre como as populações rudes e tardas do interior se informavam e manifestavam suas opiniões, que tipos de meios de comunicação tornavam essa comunicação viável e se havia algum tipo de alienação, foram sem dúvidas, o ponto inicial para suas pesquisas.

Neste sentido, se tornou crucial focar seus estudos na história, para entender as formas de comunicação antes e durante a colonização, acompanhar o povoamento e a evolução da sociedade. Pesquisas em jornais, revistas, depoimentos dos senhores-de-engenho, fazendeiros, chefes políticos, a população que testemunhou as transformações sociais do Brasil e principalmente os principais chefes dos grupos marginalizados, como escravos, índios e atuantes do maracatu.

Foi a partir desse estudo que ele percebeu que certas comunidades mais afastadas não vivenciam de maneira direta e plena a comunicação de massa a qual conhecemos hoje. Essa comunicação vem mediada por uma série de outros agentes, e não de maneira isolada apenas entre emissor e receptor.

“[...] para cada parcela da comunidade se faz preciso usar uma linguagem especial, adotar um meio adequado, empregar uma técnica distinta, sem o que o diálogo é difícil, senão impossível. Os grupos

organizados não entrarão em comunhão com as diversas outras camadas da sociedade, ficando assim privadas da plena obtenção dos seus fins, do cumprimento satisfatório da sua missão, e, por conseguinte, com os seus interesses definidos ameaçados” (BELTRÃO, 2001, p.).

Através de Edson Carneiro⁴, Beltrão identificou a presença de algumas características do folclore no estudo dessas comunidades. Carneiro (1965) registrava que os meios de comunicação da época e aqueles que evoluíram nas suas formas de transmissão de informações "continuavam, como então, a prestar-se à veiculação das mensagens populares" (BELTRÃO, 2001, p. 60).

Como uma tentativa de relacionar os estudos de Beltrão sobre as comunidades isoladas e o de Edson Carneiro a respeito do folclore, é importante destacar que Barreto (2005, p. 95) apresenta o fato folclórico como um espelho no qual as manifestações do povo são refletidas e seus personagens na maioria das vezes são os subalternos, que nem sempre se confrontam com as classes dominantes.

Na terminologia da palavra folkcomunicação, temos dois termos distintos: folclore e comunicação. ‘folk’ advindo de ‘folclore’ com ‘comunicação’. Como explica Hohlfeldt (apud SCHMIDT, 2008), a teoria da Folkcomunicação não significa o estudo do folclore, mas sim, o entendimento das expressões comunicativas utilizadas pela cultura popular ou do folclore [música, dança, desenho, fé religiosa] as quais são modificadas seja pela influência ou apropriação da ‘comunicação massificada ou industrializada.

Feitas as devidas considerações conceituais a respeito da teoria beltraniana e o Folclore, entende-se que hoje as comunidades mais afastadas do restante da sociedade não são mais vistas da mesma forma que Beltrão observou em sua época. Porém, é importante destacar que a folkcomunicação acompanhou a dinamicidade da sociedade e na contemporaneidade pode ser estudada a partir de outras perspectivas. Neste sentido é interesse agora perceber como o autor conseguiu identificar a influência e a apropriação do folclore da comunicação de massa nos seus primeiros estudos relacionados a sua teoria.

3 O LÍDER DE OPINIÃO

⁴ Escritor brasileiro, especializado em temas afro-brasileiros e um dos maiores etnólogos do país, envolvido nos estudos sobre a cultura afro-brasileira.

O contexto que Luiz Beltrão vivia no início das suas pesquisas foi propício às suas ideias. Na época estavam sendo discutidos os primeiros estudos sobre o papel do líder de opinião. De acordo com Souza (2006), Lazarsfeld, Berelson e Gaudet⁵, faziam um estudo científico nas decisões eleitorais de uma cidade americana e entenderam que a imprensa e o rádio não tinham total influência sobre os eleitores.

Nesses estudos, os autores apontavam outros mecanismos que poderiam também afetar nas decisões da população. Eram os chamados líderes de opinião, que são considerados agentes mediadores que mantinham influência sobre certas comunidades.

os autores descobriram que as pessoas tendem a ler, ver ou escutar aquilo com que de antemão já estão de acordo e as pessoas com quem concordam. Por seu turno, os líderes de opinião, mais receptivos a receber informação, promovem a circulação da informação que recebem no seu contexto social imediato e também conseguem influenciar as pessoas no seu entorno (SOUZA, 2006, p. 495).

A partir dessa perspectiva, Beltrão (2001) inseriu os estudos do líder de opinião dentro do contexto das comunidades populares e tirou as mesmas conclusões. Em suas palavras, o autor denomina o líder de opinião como o:

Personagem quase sempre do mesmo nível social e de franco convívio com os que se deixavam influenciar, tendo sobre eles uma vantagem: estavam mais sujeitos nos meios de comunicação do que os seus liderados. Conheciam o mundo - isto é, haviam recebido e decodificado as mensagens dos meios, transmitindo-as em segunda mão ao grupo com o qual se identificavam (BELTRÃO, 2001).

No decorrer de sua análise Beltrão (2001) utiliza a avaliação do Departamento de Pesquisa Social Aplicada da Universidade de Colômbia sobre a relação desse líder de opinião com a sua comunidade em diversas ocasiões e ambientes e foi constatado que:

a influência de outras pessoas em decisões específicas tende a ser mais frequente – e certamente mais efetiva - que a dos meios de comunicação coletiva; influenciadores e influenciados mantêm relações estreitas e, conseqüentemente, tendem a compartilhar das mesmas características de situações social; indivíduos intimamente relacionados tendem a ter opiniões e atitudes comuns e relutam em abandonar o consenso do grupo, mesmo que os argumentos dos meios de comunicação coletiva lhes pareçam atraentes; e embora a influência passe dos mais para os menos interessados, estes últimos devem ter suficiente interesses para serem suscetíveis à mudança (BELTRÃO, 2001, p. 52).

⁵ Na publicação do livro *The People's Choice: How the Voters Makes His Mind in a Presidential Campaign*.

De acordo com o americano Paul Felix Lazarsfeld ([s.d.], apud BELTRÃO, 2001) a comunicação se fazia em dois momentos. No primeiro havia a transmissão da informação através dos meios de comunicação de massa, como a TV, o rádio, por exemplo. No segundo há a interpretação e a divulgação pelos líderes.

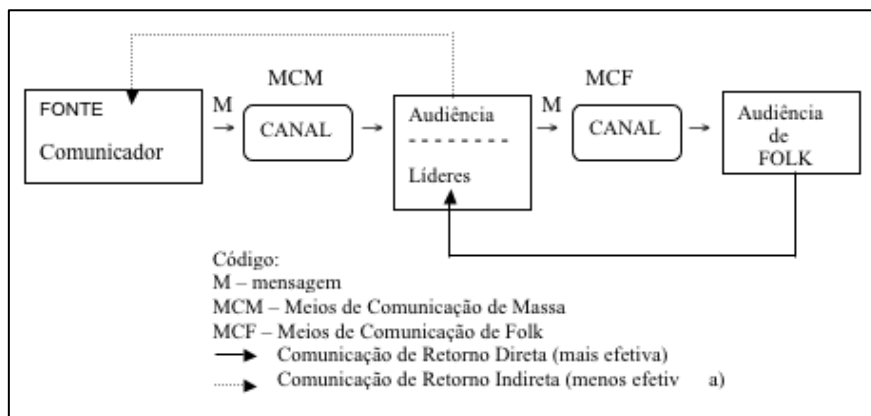


Figura 1: Processo de audiência folk.
Fonte: CORNIANI⁶, 2005, p. 3.

Os dois momentos de transmissão são demonstrados de melhor forma quando Beltrão (2001) apresenta a existência de dois brasis. O primeiro representa os grupos marginalizados, definido assim como sistema folk. O outro significa o sistema massivo, onde os meios de comunicação de massa utilizam das fontes da cultura popular para se retroalimentar.

Esses dois brasis, conforme explica Melo (2008), se confrontam quando as manifestações decodificam e reinterpretem as expressões da mídia e interagem quando a própria mídia se retroalimenta com esse retorno da cultura popular.

Ora exercita uma espécie de mediação simbólica, filtrando significados e atuando como correia de transmissão. Ora funciona como agente retroalimentador, preenchendo brechas ao incluir suas próprias demandas na agenda das emissões massivas (MELO, 2008, p. 15).

Como Melo (2008) sustenta, mesmo que essas correntes tenham se reduzido lentamente durante o século XX, com a diminuição da desigualdade social, e depois de quase cinquenta anos da escrita de sua tese, e que esses grupos não sejam mais entendidos

⁶ CORNIANI, Fabio. Afinal, o que é Folkcomunicação? 2005. 8f. Disponível em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Afinal_o_que_%C3%A9_Folkcomunica%C3%A7%C3%A3o_%3F_-_Fabio_Corniani. Acesso em 24 de Outubro de 2016.

da mesma forma que Beltrão entendia, na sociedade contemporânea ainda existem aqueles que são confrontados com os líderes de opinião mediadores da comunicação midiática.

4 O GRUPO FOLCLÓRICO PARAFUSOS

Quase tudo que se diz respeito ao grupo folclórico Parafusos faz parte do depoimento de Benedito Puciano⁷, antigo escravo da Fazenda Piauí, filho de africanos e integrante do grupo original dos Parafusos, colhido pelo historiador Adalberto Fonseca, no ano de 1968. Essas informações “[...] tornaram-se a base do conhecimento que se tem sobre a origem do grupo” (OLIVEIRA, 2002, p. 20).

O grupo surgiu no período de escravatura nos engenhos da cidade de Lagarto, localizada na região centro-sul de Sergipe, como confirma Gerson Santos Silva⁸, um dos brincantes da época: “Não existe em lugar nenhum, o único grupo que existe só é em Lagarto, é só no estado de Sergipe (...) não apresenta outro grupo em lugar nenhum do mundo a não ser em Lagarto” (SILVA *apud* OLIVEIRA, 2002, p. 20).

Como explica Alencar (2003) a partir de um depoimento do historiador lagartense Adalberto Fonseca, a cidade possuía mais de cem engenhos. No período de fugas durante a lua cheia, conta-se a história que escravos saiam para roubar comida dos engenhos e na volta para os quilombos, corriam até os varais das casas grandes para colher roupas, com a intensão de disfarce, o que impossibilitaria ser reconhecido.

Entre as peças roubadas, se encontravam grandes anáguas⁹ brancas que possuíam grandes babados de rendas, enfeitados com bicos, como era o costume das roupas usadas pelas mulheres (sinhás) da época. Pela grande quantidade de anáguas, os fujões vestiam uma por cima da outra, em volta do pescoço, na cintura, e apenas as mãos ficavam livres, afim de carregar outros objetos.

⁷ “Benedito Puciano era ex-escravo do Piauí quando conheceu o Sr. Adalberto que gostava de pesquisar as raízes culturais de Lagarto” (ALENCAR, 2003, p. 197).

⁸ Em entrevista a Oliveira (2002), coletada em 23/01/2002.

⁹ “Na época, as mulheres se vestiam com vestidos de saia balão bem ao estilo da moda francesa. Muitos dos panos vinham da França, assim como as rendas, as linhas e cambraias para a confecção dos vestidos das senhoras dos engenhos. O contrate era grande com o traje de algodão dos escravos. Para que as saias conservassem sua forma arredonda, as “sinhás” e as “sinhazinhas” usavam anáguas, com babados, rendas e bicos e colocavam bastante babados para que engomadas servissem de armação para os vestidos” (ALENCAR 2003, p. 193).

Para não serem reconhecidos, os mesmos preparavam uma máscara de barro branco e cobriam a cabeça com chapéus brancos. Quem presenciasse aquela cena de figuras brancas correndo entre os canaviais e na mata, acreditava ser assombrações. Para reforçar essa ideia, eles davam rodopios, pulos e correrias, para serem considerados almas penadas. "Isto foi fortalecendo entre os negros a ideia de usar as anáguas para esconder todo o corpo nas suas saídas noturnas, afastando cada vez mais possibilidade de serem descobertos" (ALENCAR, 2003, p. 194).

O principal marco da continuidade nas apresentações do grupo Parafusos se deu na abolição da escravidão de 1888, fazendo o grupo intensificar suas manifestações agora realizadas nas ruas da cidade de Lagarto, e sua principal ideia: festejar a liberdade adquirida pelos escravos. Como confirma Alencar (2003) “a mística da assombração acabou, mas ficou a brincadeira, sem nome, sem música, apenas caracterizada por rodopios que permitiam às anáguas se abrirem oferecendo um espetáculo muito bonito além de curioso” (ALENCAR, 2003, p. 195).

Assistindo a brincadeira dos fantasiados passarem pela porta da igreja, o padre José Saraiva Salomão, vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto na época, comparou os negros com parafusos a torcer e a distorcer. A partir desse momento o grupo teria sido nomeado.

Esse mesmo padre sugeriu que os participantes substituíssem os gritos que causavam medo a população, por cantos. Ele mesmo compôs músicas para os Parafusos cantarem, a exemplo da música em louvor a São Benedito, um dos santos católicos mais reverenciados pelos negros.

Composto por dançarinos e tocadores, os integrantes usam anáguas brancas cobrindo todo o corpo, rostos de branco, e chapéus forrados com tecido branco. Na coreografia os giros para os lados e em volta de si mesmo. Os tocadores, nas sanfonas e na percussão tocam músicas repetitivas que não possuem relações com os estilos africanos.

Pelo histórico do grupo, é possível destacar um índio que participava das apresentações dos Parafusos, que segundo Alencar (1985 *apud* OLIVEIRA, 2002) sua presença se justifica pela assistência que o mesmo prestava aos negros nas fugas e nos mocambos.

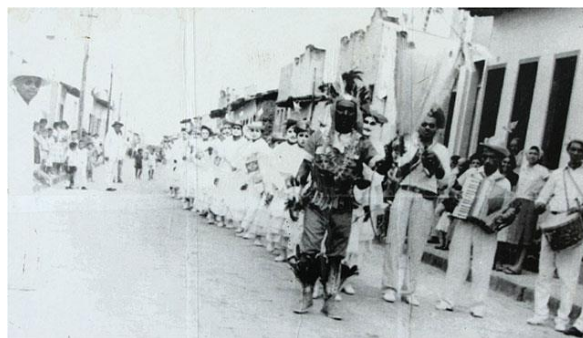


Figura 2: A presença do índio na apresentação dos Parafusos (07/09/1960).
Fonte: Acervo particular de Floriano Santos Fonseca

5 METODOLOGIA

O presente artigo será desenvolvido a partir de uma metodologia específica, porém, antes de adentrar neste quesito, é importante destacar que a pesquisa, de acordo com Gil (2001), é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Como explica ele, para que seja necessário um projeto de pesquisa, antes o investigador identifica que não há informações suficientes para que explique e responda ao problema questionado.

Dessa forma, o tipo de pesquisa proposto para responder a problemática deste trabalho é a pesquisa bibliográfica e metodologia de análise de resultados é o estudo de caso. Para GIL (2008), o estudo bibliográfico possibilita ao investigador saber mais sobre o assunto através de materiais que abordam o assunto estudo e que já foram elaborados por outros autores, como por exemplo, livros, artigos, monografias, entre outros. Serão utilizadas bibliografias a respeito do histórico do grupo Parafusos, e como esse grupo foi firmado como manifestação cultural até hoje, além da importância da comunicação nesse processo.

Já o estudo de caso, significa o “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados” (Gil, 2001, p. 54).

Como instrumento de coleta de dados, foram utilizadas entrevistas não estruturadas realizadas no dia 29 de outubro de 2016 com Maria Ione do Nascimento¹⁰ e no dia 12 de novembro de 2016 com Eder Claudio Ferreira Santana¹¹. Além disso, foi

¹⁰ Líder da Associação Folclórica de Lagarto (ASFLAG).

¹¹ Mestre dos Parafusos.

utilizada também a observação/atuação por parte do pesquisador com o intuito de coletar as informações de forma direta em campo.

Para melhor explicar o processo de ressignificações vivido pelos Parafusos, este estudo foi dividido em sub tópicos que representam os três processos que o líder que tem maior influência: a indumentária, a apresentação e a performance dos brincantes. Para isso foram adicionadas algumas ilustrações e fotografias que melhor apresentam as principais mudanças sofridas pelo grupo nas últimas décadas.

6 A INFLUÊNCIA DO LÍDER NAS RESSIGNIFICAÇÕES DO PARAFUSO

A história dos Parafusos não é contínua. Enquanto resiste a desaparecer e, preservando uma mesma estrutura básica, a todo o momento o grupo se modifica o que ao mesmo tempo possibilita uma aproximação da contemporaneidade e não apenas uma vivência antiga.

Como uma característica muito forte e presente no folclore, “a dinâmica cultural, a evolução constante a que todos os fatos culturais estão sujeitos não permite a admissão do entendimento do folclore meramente como uma sobrevivência do passado” (BENJAMIN *apud* GADINE; WOITOWICZ 2006, p. 30).

As principais mudanças que o grupo sofreu no decorrer da sua trajetória foi após sua desintegração por volta da década de sessenta, devido ao falecimento de seus membros. Como conta Oliveira (2002), a existência do Mobral¹² e sua política de resgate da cultura local teria sido o principal motivo da reativação dos Parafusos. Em meados da década de setenta, o grupo foi reativado apresentando suas novas formas de se praticar o folclore.

Depois da morte do último mestre (também líder da Associação Folclórica de Lagarto) Sr. Gerson Santos Silva, que dançava no grupo, Dona Maria Ione do Nascimento assumiu o cargo, mas por ser mulher e não poder participar junto com os Parafusos, o brincante Eder Ferreira de Santana, mais velho brincante na época, tornou-se o novo mestre.

6.1 Indumentária

¹² Movimento Brasileiro de Alfabetização.



Figura 3: Ilustração da indumentária dos Parafusos na década de 80.
Fonte: ALENCAR, 2003, p.198.

Desde que surgiu o grupo passou por um processo de mudanças, principalmente na sua indumentária. Quando se compara o brincante dos anos oitenta com o brincante da atualidade, é possível perceber algumas alterações. Há diversos registros que podem comprovar os diferentes chapéus utilizados pelos brincantes (figura 3), por exemplo.

Nos anos 60 os chapéus dos brincantes eram de palha com um acessório parecido com uma mola ou espiral simbolizando um parafuso. Nos anos 80 os chapéus não eram mais de palha, passando a ser de ráfia com a fita vermelha amarrada ao redor (ALENCAR, 1995, *apud* OLIVEIRA, 2002, p. 36).

Posteriormente esse mesmo chapéu foi substituído por um cone, que parece um parafuso de cabeça para baixo, modificação feita pelo então líder do grupo na época, o Sr. Gerson. Também durante a década de oitenta, os brincantes utilizavam a bandeira de Lagarto e uma fita vermelha no chapéu em homenagem a sua terra e uma conga¹³ como calçado principal (figura 4).



Figura 4: O uso da bandeira, a fita vermelha e o sapatinho conga.

Figura 5: Parafusos no Festival de Folclore de Nova Petrópolis-RS em 2010.

Fonte: Acervo da Associação Folclórica de Lagarto (ASFLAG).

¹³ Sapatinho branco muito utilizado na época.

Atualmente as vestes do parafuso continua sendo as anáguas brancas e cheias de bicos com cone branco que permaneceu vivo até hoje, mas sua fita vermelha foi retirada. Além disso, percebe-se que a conga não é mais utilizada e em muitas apresentações o grupo entra em cena descalço ou com uma sandália de couro (figura 5). Contudo, a principal característica dos parafusos foi preservada.

[...] não há mudança na roupa, porque eu procuro colocar a roupa de origem, não quero colocar brilho em cima daquilo que nunca existia. Se eu não colocar essa roupa como toda vida ela existiu, ele deixa de ser os Parafusos autêntico. Então quero que o Parafusos, ele continue com a mesma roupa que começou (SILVA, *apud* OLIVEIRA, 2002, p. 36).

Infere-se que essas mudanças se devem a existência dos líderes que passavam a influenciar na atuação do grupo. Oliveira (2002) concorda com essa ideia ao relacionar essas ressignificações a sociedade ou as pessoas que comandam esses grupos.

6.2 A Apresentação

O local das apresentações determina como o grupo vai se apresentar. O que se mantém em todas as apresentações é seu histórico que é contado, seja pela líder da Associação ou por uma gravação de áudio minutos antes do início da dança.

Devido aos seus longos trinta minutos de duração, a atual líder da Associação Folclórica de Lagarto (ASFLAG), Dona Maria Ione do Nascimento achou justo organizar uma encenação que melhor representasse a fuga dos negros escravos, para que pudesse dar aos brincantes, alguns minutos de descanso. Dessa forma duas escravas que estendem as anáguas e um dos brincantes entra em cena para rouba-las (figuras 6 e 7).



Figura 6: Escrava estendendo as anáguas.



Figura 7: Brincante recolhe as anáguas e veste-se nelas.

Fonte: Acervo da Associação Folclórica de Lagarto (ASFLAG).

6.3 Performance dos Brincantes

As primeiras mudanças sofridas pelo grupo ocorreram entre as décadas de sessenta e setenta, devido a reativação do grupo. Por volta da década de sessenta, não eram apenas brincantes e tocadores que faziam parte do grupo. Além destes, um dos componentes se fantasiava de índio (figura 2). Quando reativado, a figura do índio já não fazia parte do grupo. A partir de então, nenhum outro mestre inseriu esse personagem na dança.

A dança do grupo é feita principalmente com os giros dos brincantes que fazem com que as anáguas se abram em forma em leque, cada brincante acompanha o ritmo da sanfona e utiliza um movimento nos pés quando para em cada volta.

Essa apresentação se dá em forma de fileiras e também em círculos, mostrando novas coreografias. A importância de estar sempre girando é para que as anáguas se abram dando assim um grande efeito (OLIVEIRA, 2002, p. 43).

Atualmente os giros horário e anti-horário guiados pelo ritmo da sanfona continua sendo a principal característica da performance, porém, o que se percebe é que no grupo contemporâneo, o uso da coreografia é mais intenso. Essa atividade já vinha sendo discutida há muito tempo. Como conta Oliveira (2002), o mestre anterior, Sr. Gerson Santos Silva já inovava com coreografias e o próprio confirma essa prática em seu relato:

Antigamente os parafusos não tinha coreografia, não fazia coreografia, ele nunca dançou em palanque, ele só dançava na rua. Por que na rua? Porque era um cordão, era lá, outro cá, correndo um atrás do outro parecendo umas coisas rodando, aquelas coisas assim em fila. Hoje... o padrão dos parafusos, ele hoje faz um show, (...) O grupo parafuso, tem coreografia. Entra em palco, ele forma fila, duas filas, ele entra e sai, passa pelo outro, faz a curva um atrás, um do outro (...) Tudo pelo estilo que eu ensinei (...) a gente vai modificando mas, vai modificando o estilo de dança, pra dança continuar assim num estilo de coreografia (SILVA, *apud* OLIVEIRA, 2002, p. 44).

A espetacularização é uma das principais características de muitos grupos folclóricos que sobrevivem na contemporaneidade e com o Parafuso não é diferente. Se constata através dos relatos do grupo que a luta pelo reconhecimento e valorização, determinou que o grupo se retrabalhasse para que a prática em si, continuasse se modificando e seguindo o ritmo da sociedade sem deixar suas verdadeiras raízes.



Figuras 8 e 9: Adaptações na coreografia do grupo.
Fonte: Acervo da Associação Folclórica de Lagarto (ASFLAG).

CONCLUSÃO

É fato que no seguimento da dinâmica da sociedade, não é mais possível enxergar a prática do folclore como Beltrão enxergou em sua época, porém percebe-se que a folkcomunicação conseguiu acompanhar a dinamicidade das práticas culturais e ainda dá conta de entender os grupos na atualidade.

Diante do questionamento que deu base a essa pesquisa, é inevitável não entender esses representantes como o líder de opinião (ou líder folk). É notável que esse líder (assim como os anteriores) que está à frente do grupo Parafusos é um agente difusor que mantém uma força sobre os outros integrantes do grupo e que consegue a todo instante modificar a prática do folclore, afinal a comunicação do grupo está nas mãos dele. E essas modificações são ainda mais fortes porque há ainda a presença de um ex brincante como mestre, se responsabilizando por representar o restante dos brincantes. Diante disso é importante destacar a importância desses representantes para que essas manifestações continuem resistindo e praticando o folclore.

Um outro fato, que atualmente, pode ser facilitador para essas mudanças sofridas pelo grupo, é a expansão da internet. Embora os meios de comunicação de massa não tenham dado a devida atenção ao folclore, como os próprios praticantes afirmam, a internet assume um grande papel, e sem dúvidas o nível de influência pelo que se é transmitido e recodificado é muito maior. Assim, as mudanças nesses grupos, tendem a ser mais aceleradas.



REFERÊNCIAS

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. **Danças e folguedos: iniciação do folclore sergipano**. 2. ed. Aracaju: s.r., 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias (Tese de Doutorado)**. Brasília, UnB, 1967.

BARRETO, Luiz Antônio. **Um novo entendimento do Folclore e outras abordagens culturais**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994, 260p.

_____. **Folclore – Invenção e Comunicação**. Aracaju: Typografia Editorial / Scortecchi Editora, 2005, 204p.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (org.). **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MELO, José Marque de (org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **História do pensamento comunicacional: cenários e personagens**. São Paulo: Paulus, 2003.

OLIVEIRA, Irineu Roberto de. **A Saga dos Parafusos de Lagarto: Residência e Ressignificação**. 2002. 120f. Trabalho de conclusão de Curso. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, 2006.